

Vizinho está em pânico

BUENOS AIRES - A desvalorização do real começa a ser sentida na Argentina, principal parceira comercial do Brasil no Mercosul - os vizinhos mandam para cá 30% de suas exportações. Empresários e sindicalistas estão em pânico.

A filial argentina da Ford comunicou ontem a 1.430 operários que será prorrogado por mais 10 meses o período de férias coletivas iniciado em dezembro passado. Segundo a direção, em outubro, é possível haver demissões. A Ford, de General Pacheco, ao norte de Buenos Aires, tem 3.400 empregados e exporta 75% de sua produção para o Brasil. Em 1998, fabricava 500 carros por dia, mas nos últimos meses esse número caiu para 300.

Mais cinco montadoras - Volkswagen, Fiat, Renault, General Motors e Peugeot - também anunciaram corte de produção e jornada. Além do setor automotivo, é certo que a crise brasileira vai afetar os negócios argentinos nas áreas de petróleo e laticínios.

Mesmo assim, o presidente Carlos Menem rechaçou pedidos da União Industrial Argentina (UIA) para tomar medidas de emergência que pudessem compensar os efeitos da queda das vendas externas - considerando-se o evidente barateamento da moeda brasileira.

O ministro argentino da Economia, Roque Fernández, tentou tranquilizar o país afirmando que os problemas no Brasil, "na pior das hipóteses", podem ser responsáveis pela queda de apenas 1% do Produto Interno Bruto (PIB) previsto para este ano.

Fernández se reuniu com o presidente da UIA, Alberto Gaiani, e ouviu apelos para que o governo não hesite em tomar as medidas necessárias antes que a crise comece a desmontar a economia argentina. "Estamos preocupados porque não sabemos que plano o governo brasileiro tem em mente", disse Gaiani.